

*Rebeliões, Revoltas
e Revoluções*

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

ÍNDICE

/

PÁG. 15
Prefácio

/

PÁG. 21
Palavras prévias: As histórias de vida das palavras
e as revoluções nas voltas da História

/

PÁG. 31
A Revolução Francesa — Das Origens ao Terror:
Cinco Momentos Decisivos
Daniel Alves

PÁG. 33
Introdução

PÁG. 33
A historiografia da revolução

PÁG. 39
Cinco histórias na história da revolução

PÁG. 43
As origens da Revolução Francesa

PÁG. 43

A crise financeira

PÁG. 47

A Assembleia dos Notáveis de 1787

PÁG. 53

Os Estados Gerais e a Revolução Política

PÁG. 53

As últimas tentativas de reforma

PÁG. 59

Da convocação dos Estados Gerais à Assembleia Nacional

PÁG. 71

Da soberania popular à violência popular:
a tomada da Bastilha

PÁG. 81

A fuga do rei e o fim da monarquia

PÁG. 81

A revolução traz o rei para Paris

PÁG. 87

A Constituição Civil do Clero e a fuga do rei

PÁG. 95

O Terror: A Sobrevivência da Revolução
pela Violência Política

PÁG. 95

A monarquia constitucional não resiste à revolução

PÁG. 102

Guerras, lutas políticas e o medo das traições:
a caminho do Terror

PÁG. 111
Bibliografia

PÁG. 115
As Revoluções Liberais na Península Ibérica
Miriam Halpern Pereira

PÁG. 117
As Revoluções Liberais na Península Ibérica

PÁG. 121
O triénio vintista

PÁG. 126
A entrecortada década absolutista

PÁG. 126
Os Realistas Moderados

PÁG. 128
A Carta Constitucional

PÁG. 130
Ultrarrealismo ibérico: miguelismo e carlismo

PÁG. 136
As revoluções de 30

PÁG. 142
O protesto no meio urbano

PÁG. 147
Conclusão

PÁG. 151
Bibliografia

PÁG. 159

A Contrarrevolução Popular como Revolta
Fátima Sá e Melo Ferreira

PÁG. 161

Introdução

PÁG. 163

Contrarrevoluções populares na Europa:
perspetivas historiográficas

PÁG. 167

Historiografia e contrarrevolução

PÁG. 172

Uma viragem política e cultural, a «antirrevolução»

PÁG. 177

Politização e opinião popular

PÁG. 181

A contrarrevolução em Portugal: o miguelismo

PÁG. 185

Quadros explicativos

PÁG. 190

Nota final

PÁG. 193

Bibliografia

PÁG. 197

O Movimento Operário Britânico entre Ação
Revolucionária e Reformismo
Sacuntala de Miranda

PÁG. 202

Os ideais revolucionários

PÁG. 204

O movimento luddista

PÁG. 207

Reforma parlamentar e a nova lei dos pobres

PÁG. 210

O Cartismo

PÁG. 213

O sindicalismo reformista

PÁG. 216

A formação do partido trabalhista

PÁG. 217

O conceito de classe operária: debate

PÁG. 219

O movimento cooperativo

PÁG. 220

Algumas Conquistas da Classe Operária durante o século XIX

PÁG. 221

Bibliografia

PÁG. 223

Camponeses na Revolução Socialista:
do Dilema à Catástrofe
Mário Artur Machaqueiro

PÁG. 225

1. Os Antecedentes

PÁG. 235

2. Da Revolução ao Terror,
e do Terror à nova Política Económica

PÁG. 244

3. Dos Debates dos Anos 20 ao Desastre Estalinista

PÁG. 256

4. Balanço da Política Agrária Soviética

PÁG. 261

Breve excuro bibliográfico

PÁG. 267

A Conceção do Processo Revolucionário
em Rosa Luxemburgo
António Louçã

PÁG. 270

1906: a revolução russa vivida em Varsóvia

PÁG. 278

1918: a revolução russa vista da prisão

PÁG. 289

1918: a Revolução Alemã vivida em Berlim

PÁG. 299

O salto teórico espectacular dos últimos dois meses

PÁG. 303

Bibliografia

PÁG. 305

A Revolução Chinesa
António Caeiro

PÁG. 307

A longa revolução chinesa: algumas observações amadoras

PÁG. 327

Bibliografia

PÁG. 329

Além da teoria do valor do trabalho
André Barata

PÁG. 332

1. Valor e trabalho

PÁG. 339

2. Mais-valor e exploração do trabalho

PÁG. 343

3. Crítica capitalista

PÁG. 347

4. A necessidade como âncora do valor, heterodoxias

PÁG. 351

5. Repensar a atividade humana a que chamamos,
talvez indevidamente, trabalho

PÁG. 357

Nota biográfica sobre os autores

PREFÁCIO

UM TEMA DA LER DEVAGAR

O tema das rebeliões, revoltas e revoluções tem percorrido a existência do projeto Ler Devagar. E pergunto-me se este projeto em si mesmo também não terá sido uma pequena rebelião. A Ler Devagar fez vinte anos de existência em 2019. Teve uma estrutura fora do habitual administrativamente, constituída por sócios que puseram no monte o que quiseram e puderam e que mantêm vivas as assembleias anuais. Enquanto a livraria esteve no Bairro Alto, na Rua de São Boaventura, foi um foco de abertura ao mundo das ideias, passados que tinham sido a correr vinte e cinco anos após o movimento revolucionário do 25 de Abril. Como foco de abertura ao mundo, foi centrípeto nas memórias, mas também nas ideias, prontas a serem desconstruídas, se necessário. E reconstruídas. Ali afluíram correntes diversas de pensamento filosófico e político. Conversou-se, discutiu-se, descobriu-se. E por ali entraram livros que nunca tinham entrado em livrarias de Lisboa.

E a principal estrutura de organização foram os conselhos. Conselhos, pois, como estava na cabeça de muitos de nós, conselhistas de origem e comunitaristas de futuro. Contrariando a máxima de Margareth Thatcher dos anos 80 do século passado «*there is no such thing as society*» (sociedade não é coisa nenhuma) e também o elogio da competição, da sede de lucro («*greed is good*»), vivemos em grupo e tornámo-nos mais inteligentes em coletivo. E as sugestões e ideias dos outros eram bem-vindas. Havia então o conselho de artes, ofícios e eventos, que fez numerosos ciclos e exposições. Nesses anos, fomos contra a corrente do pensamento hegemónico que se estava a fortalecer e que hoje domina. Entre os vários ciclos, tínhamos feito um sobre rebeliões, revoltas e revoluções. A vida foi rodando e no ano dos centenários das revoluções, ou pelo menos de duas, a de 1917 na Rússia e a das igrejas da Reforma, localizadas onde veio a ser a Alemanha como nação, a partir das teses de Lutero publicadas em 1517, serviram-nos as comemorações para voltar ao tema das rebeliões, revoltas e revoluções. Fizemos uma primeira sessão em Óbidos, iconoclasticamente dentro de uma igreja desafetada, e alguns dias depois a apresentação do livro *Luta Armada* a que se seguiram várias sessões na livraria Férin, no Chiado, durante o ano de 2018. O rio subterrâneo vem à tona de vez em quando.

Fomos então ver o que é que teríamos organizado, falado e discutido anos atrás. E com esta mania entre saudosista e memorialista, mas a pensar no futuro, fui a uma prateleira com livros e papéis arrumados, porque tê-los num sítio à vista ajuda a relembrar as ideias que neles estão representadas. E lá estavam, tal como o folheto com o programa. Com espanto, tive de ler duas vezes para verificar que a data era de 2003!

Falei nisso a Miriam Halpern Pereira, que me disse que de então para cá a investigação em História tinha evoluído muito. E que, provavelmente, seria necessária uma atualização. E eu a pensar que era só em Medicina... No entanto, em Medicina vou muitas vezes encontrar artigos de há vinte anos que preziam a investigação posterior e que servem de marcos para perceber um patamar. Também nas ciências biológicas temos que conhecer a evolução ou a descoberta de conceitos para se perceber melhor o estado atual e como se chegou aqui. Propus então à Fátima Sá, que integrou desde o início o projeto Ler Devagar e o conselho dos eventos, que ela avaliasse o seu próprio texto sobre as rebeliões antiliberais. E eis que ela pegou na ponta do novelo e continuou a enrolar o fio até à investigação atual. Mas, nos contributos desses anos atrás, havia também algo que considerávamos um bem precioso, que havia que estimar. E neste caso estimar significava publicar. Trata-se de um texto da Sacuntala de Miranda, já falecida, e que serviu de base à sua conferência na livraria sobre o Movimento Operário Britânico. Foi-nos entregue pela autora com o propósito da Livraria o publicar. Esse texto, que permanecia inédito, é ele próprio digno de publicação para aprendizagem de todos nós e é a sua autora digna de homenagem. Os anos passaram sobre ele, mas os factos relatados não deixaram de existir como realidade histórica, sejam quais forem as interpretações posteriores. Ficou a Fátima encarregada de o anotar. Quanto às revoluções liberais portuguesas, Miriam Halpern Pereira, que já as descrevera em 2003, reviu o seu texto, no sentido de pontual atualização onde era indispensável, assim como bem nos explicou na Livraria Férin, em 2018. Na altura do ciclo anterior, o Roger Claustre tinha feito uma narrativa sobre a

Revolução Francesa, acompanhada de *slides* que estão no espólio da livraria e que vinha dos antecedentes da revolução — clubes, leituras coletivas de jornais em tabernas, carbonária, passando pelas etapas da revolução e do pós-revolução até à Restauração e Convenção. Outra foi a orientação de Daniel Alves na Férin, em 2018, quando detalhou e ilustrou os acontecimentos da Revolução Francesa. Mas havia ainda as outras revoluções que constituíram ruturas — a americana, a russa, a chinesa. O Rui Tavares falou de como se desencadeara a revolução americana que antecedeu a francesa e que foi também um processo de independência. Infelizmente não foi possível dispor do seu texto. O António Louçã e o Mário Machado falaram-nos da revolução russa sob perspetivas social e antropológicamente opostas — o primeiro a partir do olhar urbano, intelectual e desenvolvido da revolucionária Rosa Luxemburgo, o segundo a partir dos efeitos sobre os camponeses da Rússia. E sobre a revolução chinesa, o António Caeiro, que se enraizou na China com a família durante vários anos, enquanto jornalista, escreveu com esse olhar, diferente daquele que seria o de um historiador.

Mas como rebeliões não são as que continuam em revoltas e culminam em revoluções, muitas ficaram omissas, as que conhecemos e as que não conhecemos. Consideramos que o ser humano é um *homo revoltosus* e se podemos observar grandes períodos em que não percebemos como é que as pessoas suportam sem aparentemente reagir à repressão e sobretudo à opressão, a verdade é que, quando menos esperamos, a força que parece contida pode explodir.

E foi por isso que pensámos nos bairros das periferias metropolitanas. É lá que se situam e que habitam, que vivem

aqueles que estão fora, que se sentem à margem das elites, dos privilegiados, daqueles que sentirão como um padrão a que aspiram, sem conseguir corresponder. É também nessas periferias que se situam as pessoas que foram deslocadas, mesmo que a partida do país de origem já tenha o tempo de três gerações. Muitos são afrodescendentes, mas também são lusodescendentes, porque na sua genealogia estiveram quase sempre um ou vários colonos. E são portugueses de nacionalidade. De facto, para quem vive no centro das cidades, essa periferia é uma abstração. Como vivem, como agem essas pessoas, cidadãos portugueses como nós? Muitos deles estão organizados num mundo criativo que desconhecemos. Por isso pedi ao António Brito Guterres, que há vinte anos vive e trabalha nesse mundo, que descrevesse essa forma de rebelião que é a auto-organização autónoma, sem patrões e sem protetores.

E como a estrutura do mundo do capital, da mercadoria e do trabalho está a mudar e muito, não só nos países ditos desenvolvidos como no mundo global, e essas mudanças só podem gerar rebeliões, episódios a que assistimos sempre com surpresa, haveria que falar dessas transformações. Num mundo em mudança, é imprevisível o que poderá acontecer para melhor ou para pior. Para perceber essa mudança ao nível da estrutura, pedimos ao André Barata que a analisasse, para nos pôr a pensar sobre matéria em que habitualmente não se fala.

Algumas dessas conferências são publicadas neste livro.

Num presente cheio de incógnitas, muitas são as rebeliões e revoltas. Com a crise mundial provocada pela pandemia da COVID-19, aumentaram a desigualdade e o medo. Foi um confinamento que abanou em muitos o ânimo e cresceram as dúvidas sobre a própria existência. Se houve revolução neste

PREFÁCIO

caso foi no conhecimento e na sua aplicação. Não temos observado revoluções tal como as que observámos no passado. Passaram dezassete anos sobre o nosso primeiro ciclo. De que se falará daqui a dezoito anos e como? A única coisa que é previsível é que muitos de nós já não assistiremos. Com pena. Mas outros olharão para trás e poderão então refletir com mais profundidade.

Isabel do Carmo



Revoluções, rebeliões e movimentos sociais de revolta são os grandes eixos deste livro. Esses conceitos e processos têm estado no centro das grandes transformações da época contemporânea. Aqui se evocam vários movimentos dessa natureza, da Revolução Americana à Revolução Francesa e às revoluções liberais do século XIX, em particular as da Península Ibérica, às revoluções em nome do socialismo do século XX da Rússia e da China, numa perspetiva de história comparada e crítica. Projetos de um futuro melhor e de uma rutura sem retorno, e em que o poder político foi efetivamente tomado, mudando as estruturas económicas e sociais dominantes, cujos contornos utópicos a dinâmica histórica viria a matizar e até questionar. Abordam-se aqui também movimentos sociais tão significativos como o movimento operário britânico, ou, noutro polo, as revoltas populares antiliberais do século XIX. Os movimentos atuais das periferias urbanas que se organizam e revoltam num momento em que o valor e a forma do trabalho estão a mudar radicalmente desenhando uma sociedade de novos contornos e novos conflitos são também evocados.

Fátima Sá e Melo Ferreira
Isabel do Carmo
Miriam Halpern Pereira



Devagar